**(Des)aprendendo masculinidades com o documentário “O Silêncio dos Homens”**

Juliana Lazzaretti Segat, Universidade Federal de Pelotas

**Resumo**

Este trabalho tem como temas a violência doméstica contra as mulheres a partir de um enfoque no autor da violência e as intervenções educativas existentes para esse público. O objetivo é pensar as possibilidades de (des)aprender (Paraíso, 2016) sobre masculinidades e violência em um grupo reflexivo de gênero com homens autores de violência doméstica, a partir do documentário “O silêncio dos homens” (Leite; Castro, 2019). Por meio de pesquisa bibliográfica, investiga-se a associação entre masculinidade e violência, adotando o conceito de masculinidade hegemônica (Connell, 2005). Após, é feita breve abordagem sobre as intervenções educativas com homens autores de violência, previstas na Lei Maria da Penha. Por fim, partindo de uma concepção pós-crítica do currículo, é realizada uma análise do documentário citado, pensando o que seu currículo visibiliza e produz sobre masculinidades e o que pode no (des)aprender sobre gênero.

**Palavras Chaves:** Masculinidades. Grupos reflexivos de gênero. Documentário. Currículo.

**Introdução**

Por muito tempo, os debates sobre violência doméstica contra as mulheres partiram de uma lente que focava nas mulheres em situação de violência. A proposta deste trabalho, assim como de outros trabalhos que tenho produzido, é sustentar um deslocamento: voltar as reflexões aos autores da violência e ao trabalho de enfrentamento do fenômeno feito com eles, a partir de intervenções educativas (grupos reflexivos de gênero).

Neste estudo, em particular, objetivo pensar nas possibilidades de (des)aprender (Paraíso, 2016) sobre masculinidades e violência em um grupo reflexivo de gênero com homens, a partir do documentário "O Silêncio dos Homens" (Leite; Castro, 2019). Para tanto, por meio de uma pesquisa bibliográfica, e uma interpretação inspirada na análise fílmica, transitarei i) nos estudos das masculinidades, e nas suas relações com violências, ii) nas intervenções educativas que têm buscado desassociá-las; e, mais especificamente, iii) no currículo do documentário em questão, pensando, a partir de uma perspectiva que se alia às teorias pós-críticas, o que ele pode, em termos de desconstrução sobre normas e padrões de gênero aprendidos ao longo da vida. O presente resumo se insere nas atividades do grupo de pesquisa Políticas dos Corpos, Cotidianos e Currículos (POCs-UFPel).

**Masculinidades e violência**

Para Connell (2005), as masculinidades, assim como feminilidades, são configurações de práticas de gênero influenciadas pela trajetória de vida, fatores individuais, históricos, sociais e culturais (relacionados, portanto, ao poder, à divisão do trabalho, aos vínculos emocionais, aos símbolos, ao discurso e à linguagem). Também, a partir das intersecções entre diferentes marcadores sociais, como classe, raça, sexualidades, território, religião, idade etc. Por isso, não existe uma, mas múltiplas masculinidades possíveis. No entanto, em cada sociedade, existe um modelo de masculinidade culturalmente exaltado e que se impõe sobre os demais. Trata-se do que Connell e Messerschmitt (2013) chamam de masculinidade hegemônica, que se localiza hierarquicamente acima de masculinidades cúmplices, subordinadas, resistentes e abjetas.

No Brasil, assim como em outros países ocidentais constituídos sob as insígnias coloniais/modernas capitalistas patriarcais, e, atualmente, neoliberais e neoconservadores, a masculinidade hegemônica é marcada por alguns atributos conhecidos. São exemplos a atividade, competitividade, agressividade, força, virilidade, desempenho sexual, heteronormatividade, chefe de familia. Por outro lado, também tem como característica o desenvolvimento limitado, ou até mesmo o não desenvolvimento, de habilidades consideradas femininas, como cuidados domésticos e dos filhos/as e a expressão de sentimentos e necessidades (Aguiar; Diniz, 2017). Além disso, tem um caráter homoafetivo: homens buscando a aprovação de outros homens (Zanello, 2020). Assim, a relação entre eles é marcada por cumplicidade, proteção e silenciamentos, mesmo quando há discordância sobre discursos e práticas misóginas (Zanello, 2020). A referência desse modelo é o homem branco, de classe média, meia idade e cisheterossexual. Sua matriz de constituição se baseia na misoginia e no desdobramento desta, a homofobia (Zanello, 2020).

O aprendizado social desse modelo inicia desde a infância, sobretudo por meio do contato com cuidadores primários, família e escola. Também, por meio de tecnologias de gênero (Lauretis, 1987), é dizer, produtos culturais que permeiam o cotidiano retratando, representando, reafirmando e recriando valores e ideias de gênero (Zanello, 2020).

As tentativas de incorporação desse modelo trazem vantagens e privilégios, que são desigualmente distribuídos a depender da raça, do atendimento à heteronorma, da classe, da capacidade etc. Apesar disso, em geral, leva a algum nível de insatisfação e prejuízos, especialmente de ordem emocional e relacional. E uma das principais consequências disso é a violência, em suas mais variadas formas, contra si e contra o/a outro/a. A violência é utilizada para buscar aceitação; para excluir, estabelecer limites, reivindicar poder e controle; provar masculinidade (Connell, 2005). Masculinidade e violência vão, assim, sendo reiteradamente entrelaçadas e naturalizadas.

Um passo para o enfrentamento de violências de gênero, e, especificamente, da violência doméstica, depende de ações voltadas a desassociá-las. Se essas configurações são aprendidas, é preciso desaprendê-las, desfazendo práticas que excluem, hierarquizam e dividem, para aprender modos outros de viver e relacionar-se (Paraíso, 2016).

**Grupos reflexivos com autores de violência: uma perspectiva curricular**

Uma das formas pelas quais isso tem sido feito é através da intervenção grupal com autores de violência. Embora esses serviços existam há décadas, o encaminhamento do homem a programa de "recuperação e reeducação" foi incluído como medida protetiva de urgência da LMP em 2020 (artigo 22, VI, LMP) (Brasil, 2006). Em 2022, o Conselho Nacional de Justiça recomendou aos Tribunais de Justiça estaduais a implementação desses programas em formato de grupo reflexivo, com a "promoção da reflexão sobre as questões de gênero, os direitos humanos e fundamentais da mulher e a construção social da masculinidade" (CNJ, 2022).

Ancorada nos estudos pós-críticos, assumo que toda prática cultural ou institucional que ensina, (in)forma, "que possui uma pedagogia e com a qual podemos aprender saberes, modos de se comportar, de ver o mundo, e de se entender como sujeito de um tipo específico" (Alves; Paraíso, 2023, p. 3) possui um currículo, e não é diferente aqui. Considerando os seus objetivos e sua forma de atuação, podemos afirmar que um grupo reflexivo de gênero envolve processos de ensinar e, possivelmente, aprender sobre gênero, possuindo, assim, um currículo (Alves; Paraíso, 2023).

Quanto às masculinidades, o (des)aprender pode ser possível a partir de um currículo que consiga borrar fronteiras ao se interseccionar com outros marcadores para além do gênero (Paraíso, 2016). Em um projeto de grupos reflexivos no extremo sul do país, do qual faço parte, esse desafio vem sendo assumido com o auxílio do documentário “O silêncio dos homens” (Leite; Castro, 2019). Assim como os grupos, o documentário, ao ensinar sobre modos de ser, detém um currículo. Com base em Carvalho Filho e Maknamara (2019), questiono: quais os modelos de masculinidades produzidos e visibilizados no currículo do documentário "O Silêncio dos Homens"? E o que pode o seu currículo no ensinar e (des)aprender masculinidades em um grupo reflexivo?

**Quebrando o silêncio e visibilizando alternativas**

A análise aqui pretendida se inspira no método de análise fílmica, mirando, assim, aspectos visuais e verbais que são lidos, sobretudo, a partir de estudos de gênero e das masculinidades. Não objetivo, com isso, esgotar as análises, mas, ao revés, soltar algumas pontas que possam viabilizar outras análises, outros diálogos.

Não é incomum que produções audiovisuais reforcem padrões de masculinidade hegemônica. O documentário analisado, contudo, contrapõe-se ao questionar esses padrões. A produção traz duas fontes principais de informação: uma pesquisa realizada virtualmente com mais de 40 mil homens em todo Brasil; e entrevistas com pessoas engajadas no enfrentamento das desigualdades interseccionais de gênero.

Em síntese, tenta compreender como a masculinidade hegemônica opera nos diferentes contextos subjetivos e coletivos, para abordar formas de questioná-la e subvertê-la. Desse trajeto participam, especialmente, homens e mulheres que têm se aberto ao questionar das configurações nocivas de masculinidade, forjando resistência contra a cumplicidade e o silenciamento, fazendo uma leitura interseccional dessas experiências. Também, homens cuja masculinidade é socialmente categorizada como abjeta ou dissidente, ou seja, que se afasta da heteronormatividade - sobretudo, homens gays e trans.

Em 1 hora, temos acesso a debates interseccionais sobre masculinidades que envolvem questões como juventudes, raça, classe, identidade de gênero, sexualidade, relacionamentos afetivos, paternidade, religiosidade, vida emocional, territorialidades. Também, temos acesso a imagens que podem gerar estranhamento: homens diversos dialogando em roda com roupas leves, as vezes de pés descalços, homens demonstrando afeto mútuo por meio de abraços e toques, homens movimentando o corpo em grupo… Debates e cenas que vão desestabilizando certezas e desvelando os impactos da desigualdade de gênero e das características sobre as quais se assenta a masculinidade hegemônica, sobretudo violência e interdição do afeto; que vão quebrando o silêncio e convocando à ação, mostrando outras formas possíveis de ser homem. Depois da exibição do documentário, não é incomum que, no grupo reflexivo, surjam relatos dando conta de experiências similares às narradas ali. Muitos homens contam, por exemplo, que nunca abraçaram ou disseram “eu te amo” para o pai; que nunca conversaram sobre intimidades com amigos.

Diante disso, está presente um currículo que visibiliza masculinidades alternativas, que é propositivo ao mostrar caminhos que vêm sendo traçados por outros homens na busca pela desconstrução do modelo hegemônico, um currículo que coloca em evidência a sensibilidade, que permite a identificação a partir das vulnerabilidades, que as autoriza.

Este é um currículo que oportuniza o contato com outras possibilidades de relação consigo mesmo e com os/as outros/as. Oportuniza um olhar para sua história de vida para compreender o presente e pensar o futuro. Sozinho, pode não conseguir alcançar empreitada que exige tempo, estudo e muito diálogo. Mas é uma ferramenta que tem se mostrado importante para gerar vinculação e conexão entre os participantes a partir das suas vulnerabilidades. É depois da exibição desse documentário que notamos um “desarmamento” dos homens, uma maior entrega à reflexão. Desse modo, seja por meio dos discursos que veicula, seja por meio do que representam aqueles homens performando outras maneiras de ser homem, o documentário “O Silêncio dos Homens”, com seu currículo, viabiliza ao menos o início do (des)aprender sobre masculinidades hegemônicas e alternativas no currículo do grupo reflexivo.

**Referências**

ALVES, C. E. R. ; PARAÍSO, M. A. . Encruzilhadas de gênero em um currículo-museu. **ETD: Educação Temática Digital**, v. 25, p. e023019, 2023.

BRASIL. **Lei no 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha).** Brasília: Presidência da República, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 25 mar. 2023.

CARVALHO FILHO E. G., MAKNAMARA M. Masculinidades nos currículos de “tropa de elite” e de “praia do futuro”. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.17, n.4, p. 1502-1522 out./dez. 2019.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Recomendação no 124, de 07 de Janeiro de 2022.** Brasília: Conselho Nacional de Justiça, 2022. Disponível em: https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/4306. Acesso em: 23 jul. 2022

CONNELL, R. W. **Masculinities**. 2. ed. Berkley; Los Angeles: University of California Press, 2005.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, Apr. 2013.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque. **Tendências e Impasses – O feminismo como crítica da cultura***.* Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p. 206-242.

LEITE, I.; CASTRO, L. d.. O silêncio dos homens. Docmentário. YouTube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE>. Acesso em 10 mai. 2024.

PARAÍSO, M. Currículo e relações de gênero: entre o que se ensina e o que se pode aprender. **Linhas**, v. 17, p. 206-237. 2016.

ZANELLO, V. Masculinidades, cumplicidade e misógina na “Casa dos Homens”: um estudo sobre os grupos de whatsapp masculinos no Brasil. In FERREIRA, Larissa (org.). **Gênero em perspectiva**. Curitiba: CRV, 2020. p. 79-102.